

# ACONTECEU A VIRADA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA?

As perguntas que me faço  
São levadas ao espaço  
E de lá eu tenho todas  
As respostas que eu pedi

(Roberto Carlos/Erasmus Carlos  
"Pensamentos")

## Os estudos de linguagem

Os estudos contemporâneos de linguagem caracterizam-se através de dois movimentos: o deslocamento do foco da frase para o texto e do enunciado para a enunciação. No entanto, basta uma olhada em nossos materiais pedagógicos, basta uma observação nas conversas de estudantes de nossas escolas, basta um rápido contato com professores de língua materna, para concluir que as novas tendências ainda não chegaram às salas de aula. É a marca prescritivista do estudo e do ensino que ainda predomina. Essa mudança nos paradigmas de estudos lingüísticos tem como consequência um novo posicionamento do homem diante da linguagem. O objeto linguagem passa a ser visto não mais como um produto a ser dissecado, a ser analisado e sim como um processo. Em última análise, o estudo da linguagem procura o homem que está na linguagem:

"... como as idéias não existem desvinculadas das palavras, a linguagem é um dos lugares onde se materializa a ideologia" (Gregolin, 1988 p.118)

A abordagem prescritiva da linguagem, historicamente, dominou os estudos lingüísticos. Essa tendência é tão forte que se transformou em um mito. Tanto é que, se perguntarmos aos representantes letrados de nossa sociedade qual é o objetivo do ensino de língua portuguesa em nossas escolas, a resposta é unânime: estuda-se língua portuguesa com a finalidade de aprender regras para falar e escrever corretamente.

Os enfoques contemporâneos de estudo de linguagem tiveram como consequência o surgimento de novas disciplinas lingüísticas: a Lingüística de Texto, a Análise do Discurso, a Semântica Argumentativa, a Análise da Conversação e outras. Essas disciplinas, cada uma com suas finalidades e à sua maneira, tentam abranger o fenômeno linguagem em sua totali-

dade, procurando explicitar todos os seus elementos funcionais, incluindo as unidades textuais e discursivas, não contempladas até então pelas teorias anteriores de estudo de linguagem. Surgem, a partir daí, novas categorias de análise que devem ser incorporadas à reflexão sobre a linguagem.

## O professor de Língua Portuguesa

O professor que trabalha com língua portuguesa nas séries iniciais recebe sua formação em escolas de Magistério. Esse educador, geralmente, não atua em apenas uma ou outra disciplina. Recebe a formação para atuar no conjunto de todas as disciplinas ministradas nas séries iniciais. Sua formação, marcada por essa pulverização é precária na área de alfabetização e língua portuguesa. A finalidade da formação é mais com "o como se ensina" do que com "o que se ensina". Por essa razão, o professor que atua em nossas séries iniciais com a área de língua portuguesa pouco conhecimento tem sobre o funcionamento da linguagem. Seu conhecimento limita-se, quando muito, a regras normativas. Por outro lado, o professor que atua a partir da 5ª série recebeu em sua formação uma dose bastante significativa de estudos lingüísticos. Língua portuguesa, lingüística, teoria da literatura, filologia e outras disciplinas relacionadas à linguagem ocuparam todo o seu currículo. No entanto, as escolas de formação de professores na área de Letras - que se expandiram a partir dos anos 70 - não acompanharam a evolução dos estudos lingüísticos. Continuam com seus currículos defasados e marcados fortemente por uma visão tradicional de estudos de linguagem.

Os professores, em resumo, que atuam com o ensino de língua materna - uns, por não terem recebido uma formação em termos lingüísticos, outros, por terem recebido uma formação prescritiva - continuam a trilhar um caminho tradicional em termos de estudo de linguagem.

Inevitavelmente, a partir daí, há um paradoxo. A prática tradicional do professor de língua portuguesa, sua visão prescritiva em termos de linguagem encontra-se em oposição com a visão contemporânea - a visão textual e discursiva que fundamenta as propostas curriculares de ensino e que está presente nos difundidos "Parâmetros Curriculares Nacionais". Parâmetros esses que representam, segundo a versão oficial, a verdadeira tábua de salvação para o ensino. Em sua publicidade oficial, os órgãos do governo afirmam:

"O Governo está entregando os Parâmetros Curriculares Nacionais para 600 mil professores da Escola Pública. Os PCN sugerem uma nova maneira de ensinar. Agora, as crianças vão aprender mais."

Em síntese, a situação atual do ensino de língua portuguesa pode ser assim delineada: os professores, com sua formação tradicional em termos de linguagem envolvidos no processo de formação continuada - cursos de atualização, leituras, grupos de estudos, seminários- percebem que a teoria que dominam para falar da linguagem já não é suficiente para embasar sua prática pedagógica, uma vez que com as tendências contemporâneas de estudos lingüísticos surgiram novas categorias, novas teorias para explicitar o funcionamento da linguagem. Os órgãos oficiais, preocupados com a qualidade de ensino e responsáveis pela Educação tentam a todo custo atualizar esses mesmos professores, dar a eles uma instrumentalização teórica para redirecionar sua prática pedagógica de acordo com a nova visão da linguagem. De outro lado, porém, os Cursos de Formação de professores na área de Letras- em sua maioria- continuam a proporcionar uma formação defasada, uma formação tradicional em termos de linguagem. Os materiais didático-pedagógicos utilizados pelos professores com "marketing" e apresentação: "novos", "renovados", ainda continuam também a sedimentar as tradicionais atividades e visão de ensino de língua portuguesa.

## Os parâmetros curriculares nacionais X livro didático de Língua Portuguesa

Os parâmetros curriculares nacionais repetem em linhas gerais o já publicado nas propostas curriculares de ensino de diversos estados brasileiros, nos anos 80. Os conteúdos de ensino de língua portuguesa estão articulados em três eixos: compreensão e produção de textos relacionados ao eixo do uso da linguagem e análise lingüística relacionada ao eixo da reflexão sobre a linguagem. Através de uma análise dos conteúdos sugeridos, bem como dos objetivos listados, podemos facilmente perceber que "a teoria" que está embasando a proposta tem como fundamento as "lingüísticas textuais e discursivas".

Como foi descrito no início dessa exposição, o ensino tradicional de língua portuguesa se embasa em

um teoria da frase. Os elementos teóricos presentes nos PCN ultrapassam o nível da frase: são elementos ligados à gramática do texto e à gramática do discurso. Na parte dedicada à prática de compreensão de textos, notamos a presença de elementos de tipologia textual/gêneros discursivos, apresentação ao aluno de diferentes tipos de textos, bem como de "regras" textuais. Fala-se em "análise de indicadores lingüísticos e extralingüísticos presentes no texto..." Desenvolvendo os objetivos e os conteúdos relacionados à produção de textos, novamente percebemos a presença de elementos teóricos ligados às novas tendências de estudo de linguagem: "mecanismos discursivos", "força de argumentos" "seleção do interlocutor". Essas novas categorias de análise estabelecidas pelas novas tendências de estudo de linguagem encontram lugar ainda nas sugestões de atividades de análise lingüística: "utilização de recursos sintáticos e morfológicos para expressar (.....) uma diferente topicalidade..." , "emprego de elementos anafóricos sem relação explícita com situações ou expressões que permitam identificar a referência".

A prática de ensino de língua portuguesa em nossas escolas, porém, continua a mesma. O professor, sem tempo para planejar suas aulas, utiliza-se do livro didático que se transforma em uma espécie de guia de conduta para o professor. As editoras, sedentas de lucros, procuram por todos os meios abocanhar seu quinhão no rentável negócio de venda de livros para a FAE - Fundação de Amparo ao Estudante "órgão do governo que adquire os livros das editoras e os repassa gratuitamente aos alunos. Fazendo uma análise dos livros mais distribuídos pela FAE, observamos o paradoxo entre as propostas contidas nos parâmetros curriculares nacionais e nos conteúdos, objetivos e atividades contidos nos livros didáticos. Torna-se necessário afirmar que o livro didático substitui o professor nas tarefas de escolher "o que ensinar", "como desenvolver as atividades", "como avaliar" ...; enfim, é o livro que assume o papel de sujeito no processo ensino-aprendizagem.

Enquanto nos PCN, encontramos uma conceitualização bastante clara do que é o trabalho com a reflexão que se faz com a linguagem denominada "análise lingüística", nos livros didáticos esse estudo ainda está planejado de acordo com a visão prescritiva, tradicional da linguagem. Um dos livros mais distribuídos pela FAE, o livro "Linguagem Nova" de FARACO e MOURA, apresenta o desenvolvimento dessas atividades em categorias estanques com o título de "Gramática", abrangendo sob esse rótulo, as categorias lingüísticas restritas ao nível da frase. O livro, assim estruturado, propõe o desenvolvimento de atividades justamente como é criticado pelo PCN de língua portuguesa:

"Assim não se justifica tratar o ensino gramatical como se fosse um conteúdo em si, mas como um meio para melhorar a qualidade da produção lingüística. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática

de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano...”(p. 17)

Nos “parâmetros curriculares nacionais” há nas sugestões do “tratamento didático dos conteúdos”(p. 50 e ss.) orientações para um curso de leitura. No livro didático, as atividades de leitura não aparecem “sistemizadas”, isto é, não há um “ensino de leitura”. É apresentado um texto com perguntas, o aluno responde às perguntas, depois há um outro texto e assim sucessivamente. Não se percebe subjacentemente às atividades de leitura sugeridas pelo livro didático uma gradação, uma seleção de estratégias de leitura a serem exercitadas.

### A concepção de leitura do professor

A partir dos anos 80 houve uma mudança nos paradigmas de estudo de linguagem. Essa mudança tem conseqüências diretas no modo de ver a linguagem e no modo de ensinar linguagem. Para que a grande massa de professores em atuação tivesse conhecimento desses novos encaminhamentos, os governos iniciaram na segunda metade dos anos 80 os cursos de capacitação, na tentativa de colocar em ação um processo de educação continuada.

Dois fatos ocorridos em nossa atuação nesses encontros, chamaram a atenção.

a. Em um deles, a análise de uma reportagem. Por ocasião do dia mundial da alfabetização - 8 de setembro- o jornal “A Folha de São Paulo” (em sua edição de 8-9-97) traz como machete “Analfabetismo funcional atinge 33% em SP”. O assunto focaliza uma pesquisa “montada com textos do cotidiano” e realizada com uma amostra de mil pessoas entre 15 a 54 anos de idade da cidade de São Paulo. Aparecem na reportagem três exemplos do teste realizado. No primeiro, há um anúncio de emprego. O segundo texto apresentado foi um boletim informativo divulgado numa empresa sobre o resultado das eleições da CIPA. O último é um formulário de depósito bancário. As questões apresentadas no teste da pesquisa são bastante simples. No anúncio de emprego, por exemplo, os pesquisados deviam “Riscar embaixo do endereço onde o candidato deve se apresentar para o emprego”. A conclusão da reportagem é a seguinte: Na escola, as pessoas aprenderam a ler, a escrever e a fazer contas, mas não conseguem usar isso no dia-a-dia.”

Depois de discutir a reportagem, resolvemos verificar como os cursistas estavam utilizando suas estratégias de leitura. Selecionamos um texto publicado na revista *Veja* (edição de 16/04/97). Após uma reportagem sobre os casos de violência policial ocorridos em Diadema (SP) e na Cidade de Deus (RJ) e divulgados pelas redes de Tv, aparece uma charge. Na parte visual, há dois personagens: um repórter e um deputado. Passa-se então o seguinte diálogo:

“ - Deputado, o Senhor é da Bancada da PM?  
- Negativo. O elemento que disse isso evadiu-se do local e não pode provar nada.”

Foi solicitado aos professores que depois da leitura do texto respondessem às seguintes questões:

- 1- O que o repórter perguntou ao deputado?
- 2- Qual foi a resposta do deputado? Como sabe?

O resultado do teste foi, em números, ainda maior que o da reportagem do jornal, isto é, apenas 30% dos professores “leu” o texto. Em reflexão com os cursistas sobre esse resultado da “leitura dos professores”, a conclusão foi a de que os professores, antes de entrar na escola usavam a linguagem de um modo inteligente. A escola com seu encaminhamento tradicional de ensino de leitura “mitificou” leitura como decodificação. Um professor, na discussão chegou a afirmar: “Eu tinha feito a leitura adequada, mas pensei que fosse para responder às questões como fazemos na escola”.

b. Ainda em pauta o tema leitura, foi solicitado ao professor que tipo de encaminhamento daria para a atividade com dois textos publicados nas revistas “*Veja*”(7-5-97) e “*Isto é*”(7-5-97). Seguem os textos.

Revista “*Isto é*”:

“Morreu o psicanalista e deputado federal Eduardo Mascarenhas. Conhecido na década de 80 por tentar popularizar a psicanálise através de programas de tevê, Mascarenhas entrou para a política em 1990 como suplente de deputado pelo PDT e em 1993 filiou-se ao PSDB. No Rio de Janeiro, de causa não divulgada, aos 54 anos. Na terça-feira 29.”

Revista “*Veja*”

“Morreu o psicanalista e deputado federal Eduardo Mascarenhas. Com uma clientela de artistas e socialites, sempre acompanhado de belas mulheres, Mascarenhas fez algum sucesso em programas de TV e em jornais, discutindo de forma superficial conceitos freudianos. Iniciou-se na vida pública em 1990, eleito pelo PDT. Três anos mais tarde mudou para o PSDB. Dia 29, aos 54 anos, de câncer no pulmão, no Rio de Janeiro”.

Um grupo de professores deveria encaminhar a leitura do texto publicado na Revista “*Isto É*”. O outro grupo, o texto da revista “*Veja*”. As questões formuladas pelos professores resumiram-se aos conhecidos: quem, onde, como, quando ....

Esses tipos de questões deixam de focar um aspecto importante dos textos em questão. Como afirmou Halliday (1976) a linguagem deve ser enfocada através de três componentes: o componente ideacional (o conteúdo do texto), o componente interpessoal (as relações que se estabelecem através do texto entre o autor-texto-leitor) e o componente textual (de que modo os elementos se relacionam, se organizam no texto para significar aquilo que eles significam). As questões elaboradas pelos professores para o encaminhamento da leitura dos textos mostram que apenas o componente ideacional foi contemplado. A linguagem é para esses professores apenas o veículo de idéias.

Essa reflexão mostrou ainda que os exercícios de leitura escolar realizados são exercícios de “cópia” e não de “compreensão” (Marcuschi, 1996). O encaminhamento da leitura pelos professores deixou de focar o componente interpessoal. Enquanto no texto da “Isto é” o jornalista tenta passar uma imagem neutra de Eduardo Mascarenhas, preocupando-se com a referência do texto, a revista “Veja” posiciona-se diante do político e psicanalista, caracterizando-o como um “bom vivant” - “sempre acompanhado de belas mulheres”- e colocando em dúvida sua própria profissão, afirmando que o psicanalista fez sucesso (algum) - “discutindo de forma superficial conceitos freudianos”... (chamamos a atenção para o uso do adjetivo “superficial”).

## Um obstáculo a superar

Os professores, que hoje atuam na rede pública de ensino, são oriundos de cursos superiores cujos currículos não têm se mostrado muito eficazes na formação de educadores que realmente possam provocar a mudança qualitativa de ensino. Esses profissionais, no mercado de trabalho, sobrecarregados de aulas, apóiam o encaminhamento de suas atividades didático-pedagógicas no material que têm à sua disposição - o livro didático. No processo de educação continuada - cursos, palestras, leituras, grupos de estudo - entram em contato com as propostas curriculares de ensino que apregoam a não-adoção de livro didático. Os próprios parâmetros curriculares nacionais fazem uma distinção entre aqueles que planejam o ensino e aqueles que apenas o executam (estes seriam os que adotam o livro didático). O que fazer? Abandonar o material didático? E o que colocar em seu lugar? Mesmo aqueles professores que conhecem as novas teorias de estudo da linguagem sentem-se inseguros diante dessa realidade. É mesmo um salto no escuro que muitos, a maioria não quer dar.

Por outro lado, os consultores dos subsídios curriculares, os professores universitários - a comunidade científica - mostram-se bastante radicais no que diz respeito à elaboração e uso do livro didático. As editoras percebem a lacuna e a preenchem. Seus livros adquiridos pela FAE e distribuídos por todo o Brasil continuam a direcionar, a mostrar os rumos do ensino de língua portuguesa. Um levantamento junto às editoras nos levou a uma rápida análise dos livros mais distribuídos no Brasil, hoje. Todos eles com uma

tendência prescritiva, tradicional de ensino/aprendizagem de linguagem. Geraldi (1991) percebe a problemática da produção e utilização de livro didático, quando ao tratar da atividade de análise lingüística assim se refere à produção de material didático:

“Enfim, o risco deverá ser assumido em algum momento com a produção de material didático destinado a professores de 1º e 2º graus sobre a análise lingüística na sala de aula. Um projeto a mais no horizonte das muitas coisas a fazer”. (p. 241)

O risco a que faz referência o autor é a transformação desse material num receituário.

Há necessidade de superar esse primeiro obstáculo se quisermos mesmo caminhar em busca de uma mudança qualitativa do ensino de língua portuguesa. Essa superação inclui também uma mudança de atitude do professor em relação à linguagem, ao ensino, à escola e à educação. Não se deve esperar soluções simplistas como a anunciada pela publicidade do Ministério da Educação ao afirmar que a qualidade se alcança pela distribuição dos parâmetros curriculares aos professores da rede pública, nem tampouco esperar por soluções mágicas como a do nosso cancioneiro popular que encontra todas as respostas no espaço.

## Bibliografia

- FARACO E MOURA. Linguagem Nova - Coleção didática 5ª a 8ª séries. São Paulo, Ática, 1994.
- GERALDI, J. Wanderley. Portos de Passagem. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- GREGOLIN, Maria do Rosário V. As fadas tinham idéias: estratégias discursivas e produção de sentidos. Araraquara. Tese de Doutorado, 1988.
- HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e Função da Linguagem. In: LYONS, J. (org) Novos Horizontes em Lingüística. São Paulo, Cultrix, 1976.
- MARCUSCHI, L. Antonio. Exercícios de Compreensão ou Cópia nos Manuais de Ensino da Língua. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 69, jan/mar.1996.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS-POR-TUGUÊS. Versão preliminar para discussão nacional. Ministério da Educação e Desporto. Brasília, out/97.